

CINCO VIAS PARA DEMONSTRAR A EXISTÊNCIA DE DEUS

DIFICULDADES: Parece que Deus não existe.

1. Se de dois contrários supomos que um seja absoluto, este anula totalmente o oposto. Assim, o nome ou termo Deus significa precisamente um bem absoluto. Então, se existisse Deus, não existiria mal algum. Porém, vemos que, no mundo, existe mal. Logo, Deus não existe.
2. As coisas que vemos no mundo podem ser reduzidas ao seu próprio princípio que é a sua natureza e aquelas que são livres podem ser reduzidas ao entendimento e à vontade humana. Logo, não há necessidade da existência de Deus.

Por outro lado, no livro do Êxodo, Deus se autoafirma: Eu sou o que sou (EX 3, 14).

RESPOSTA: Pode-se demonstrar a existência de Deus por 5 (cinco) vias.

A *primeira (via)* é mais clara se fundamenta no movimento. É inegável, e tem por testemunha os sentidos, que no mundo existem coisas que se movem. Mas, tudo o que se move é movido por outro, visto que nada se move mais, enquanto está em potência, do que aquele para o qual se move. Porém, mover requer estar em ato, já que mover não é outra coisa que fazer passar algo da potência ao ato, e isto pode fazer-se mais que o que está em ato, tal como o quente em ato, o fogo, faz que uma madeira, que está quente em potência, passe a estar quente em ato. Entretanto, não é possível que uma mesma coisa esteja em ato e em potência em relação a si mesmo, ao mesmo tempo, a não ser em relação a coisas diversas: o que é quente em ato não pode ser quente em potência, mas que, por sua vez, o quente em ato é potência de frio. É, pois, impossível que uma coisa seja, por si mesmo e da mesma maneira, motor e móvel, como também é impossível mover a si mesma. Portanto, tudo o que se move é movido por outro. Porém, se o que move a outro é, por sua vez, movido, é necessário que o mova um terceiro, e a

este, outro. Mas, assim pode-se seguir indefinidamente, porque não haveria um primeiro motor e, por conseguinte, não haveria motor algum, pois os motores intermediários não movem mais que em virtude do movimento que recebem do primeiro, como um bastão que não move mais do que o impulso dado pelo braço. Portanto, é necessário chegar a um primeiro motor que seja não movido por alguém, e isto é o que todos entendem por Deus.

A *segunda via* se sustenta na causalidade eficiente. Pensamos que neste mundo do sensível há uma ordem determinada entre as causas eficientes; Porém, não pensamos que coisa alguma seja causa de si própria, pois em tal caso haveria de ser anterior a si mesma, e isto é impossível. Tampouco se pode prolongar indefinidamente a série de causas eficientes, porque sempre que há causas eficientes subordinadas, a primeira é a causa da intermediária, seja uma ou muitas, e estas, causa da última; visto que, suprimida uma causa, suprime-se o seu efeito, se não existisse uma que fosse a primeira, tampouco existiria a intermediária, nem a última. Se a série de causas eficientes se prolongasse indefinidamente não haveria causa eficiente primeira e, portanto, nem efeito último, nem causa eficiente intermediária, coisa claramente falsa. Logo, é necessário que exista uma causa eficiente primeira a que todos chamam Deus.

A *terceira via* considera o ser possível, o contingente e o necessário, e pode formular-se assim. Vemos na natureza coisas que podem existir ou não existir, pois temos seres que se produzem e seres que se destroem e, portanto, há possibilidade de que existam e de que não existam. Assim, é impossível que os seres de tal condição existiram sempre já que o que tem possibilidade de não ser houve um tempo em que não foi. Se, pois, todas as coisas têm a possibilidade de não ser, houve um tempo em que nenhuma (*coisa*) existia. Porém, se isto é verdade, tampouco deveria existir coisa alguma agora, porque o que não existe não começa a existir mais que em virtude do que já existe. Assim, se nada existia, foi impossível que começasse a existir alguma coisa, e, em conseqüência, agora não existiria coisa alguma, o que é evidentemente falso. Logo, nem todos os seres são possíveis, ou contingentes, mas entre eles, forçosamente, deve haver algum que seja necessário. Porém, o ser necessário, ou tem razão de sua necessidade em si ou não a tem. Se sua necessidade depende de outro, como não é possível, segundo vimos ao tratar das causas eficientes, aceitar uma série indefinida de coisas

necessárias, é forçoso que exista algo que seja necessário por si e que não tenha fora de si a causa de sua necessidade, a não ser a causa da necessidade dos demais, a que todos chamam Deus.

A *quarta via* considera os graus de perfeição que há nos seres. Vemos nos seres que uns são mais ou menos, bons, verdadeiros e nobres do que outros e, o mesmo se sucede com as diversas qualidades. Porém, o mais e o menos se atribuem às coisas segundo sua maior ou menor proximidade ao máximo, e por isto se diz o mais quente, àquele que mais se aproxima ao máximo calor. Portanto, deve existir algo que seja veríssimo, nobilíssimo e ótimo, por isso, ente ou ser supremo; pois, como diz o Filósofo, o que é verdade máxima é a máxima entidade. Portanto, o máximo em qualquer gênero é causa de tudo o que naquele gênero existe, e assim o fogo, que tem o máximo calor, é causa de todo o quente, segundo diz Aristóteles. Existe, por conseguinte, algo que é para todas as coisas causa de seu ser, de sua bondade e de todas suas perfeições, e a isto chamamos Deus.

A *quinta via* se toma do governo do mundo. Vemos, efetivamente, que coisas que carecem de conhecimento, como os corpos naturais, obram por um fim, como se comprova observando que sempre, ou quase sempre, lutam da mesma maneira para conseguir o que mais lhes convém; donde se compreende que não vão ao seu fim por acaso, mas intencionalmente. Assim, o que carece de conhecimento não tende a um fim se não é dirigido por alguém que entenda e conheça, tal como o arqueiro dirige a flecha. Logo, existe um ser inteligente que dirige todas as coisas materiais ao seu fim, e a isto chamamos Deus.

Aquino, Tomás. Suma de teología, primera parte, cuestión 2, a 3, (en C. Fernández, **Los filósofos medievales**. Selección de textos, 2 volumes. Madrid: BAC, 1980, vol. II, p. 484 – 489).

Tradução para o português: Prof. Antonio Carlos da Silva
PUCPR, Campus de Toledo.